

Fatores da Derrota—Virtudes e Defeitos Observados no Jôgo Brasil x Hungria

ANÁLISE FEITA POR UM ASSISTENTE DO JÔGO

Cap. ARLINDO DE ARAÚJO PEREIRA

(INSTRUTOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA)

O jôgo Brasil x Hungria foi um jôgo normal com um resultado lógico. Venceu a Hungria merecidamente, aproveitaram melhor as oportunidades, jogaram muito melhor, e ainda tiveram um pouco mais de sorte. Apresentaram um padrão de jôgo vistoso de belas jogadas combinadas, de passes rápidos, precisos e imediatos; preparando tôdas as jogadas, não para si, mas para os companheiros, abaixando as bolas altas e conservando a bola a uma altura que não subia um palmo do gramado.

Entretanto, pela primeira vez em quatro anos tiveram apreensão sôbre o desfecho de uma partida, quando à custa de muito esforço e combatividade, conseguimos diminuir o placarde para 2 x 1 e para 3 x 2.

Procurarei condensar aqui os fatores que mais pareceram contribuir para a derrota do Brasil. Estava bem colocado, tribuna "STAND" central, lugar numerado, como a maioria dos brasileiros ali presentes, embora êstes colocados surpreendentemente nos quatro lados do Estádio quando poderiam estar melhor juntos. Mesmo assim, aos acordes do hino nacional sem ser para canto, como nos dois jogos anteriores do Brasil, cantamos o hino nacional e se não saiu melhor foi porque nem todos os brasileiros ali presentes o sabiam cantar. Havia abundância de bandeiras brasileiras, de todos os tamanhos e feitios, num aparato de patriotismo inexplicável daqueles compatriotas que para lá se dirigiram. Entre vários milhares de motocicletas a alguns de automóveis estacionados via-se mais de um "CADILAC" com placa do Brasil.

fazendo tôda sorte de exercícios: flexões, alongamentos, distensões, saltos, pequenas corridas e arremessos com bolas das muitas ali existentes. Faziam êstes exercícios com uma disciplina e vontades conscientes, pois apenas os observavam três cidadãos a uma certa distância e pouco atentos. Devem ter aprendido o valor de uma preparatória num dia frio nas Olimpíadas de que foram campeões.

fesa. Os nervos abalados do conjunto se refletia no arqueiro nacional.

1. 3 — PENALTI DESNECESSÁRIO

— Pinheiro ao escorregar procurou colocar com a mão a bola mais perto de si, arrependendo-se imediatamente, mais tarde. Era desnecessário embora tivesse a defesa brasileira, segundos antes, desfeito perigoso ataque húngaro como o



Um ataque húngaro

OS 4 FATORES PRINCIPAIS DA DERROTA

1. 1 -- O POUCO AQUECIMENTO PREPARATÓRIO DOS BRASILEIROS

— Êstes surgiram em campo com sinais de pouco ou nenhum aquecimento, quer pelo movimento do esfregar de mão, do de levantar rápido o pé do chão ou de encolher o ombro como quem está com frio. Daí uma porta aberta a serem traídos pelos nervos como realmente o foram.

Em contraposição os húngaros fizeram um notável aquecimento, conforme observei num magnífico gramado à esquerda e atrás da arquibancada principal. Nunca vi, nem em preparatória de atletas de saltos e velocidade, tamanho aquecimento. Cheguei meia hora antes do início do jôgo e lá se encontravam os jogadores húngaros, de camisas totalmente vermelhas com calções brancos,

Por isto ficaram imóveis na posição de sentido para escutarem o hino nacional. Os brasileiros não conseguiram ficar imóveis, mesmo para tirar o retrato.

1. 2 — "GOALS" INICIAIS ACIDENTAIS

— Os dois "goals" aos primeiros minutos não foram resultantes de uma combinação coordenada ou de um ataque bem concebido ou executado, mas meramente acidentais, em que a nossa defesa desbaratada e surpresa pelo aparente poderio húngaro, como crianças, favoreceram o tremendo "handicap" concedido à Hungria. Um quadro que vence de 6 ou 8 a zero, normalmente não faz dois "goals" em oito minutos. A resistência inicial é maior com defesas sucessivas de arqueiro, zagueiro e etc. O Brasil poderia suportar até um bombardeio, mas não esboçam uma reação organizada. Até para os tentos havia de-

cram os demais. Aquêl gol emudeceu o ânimo brasileiro e só um quadro de alta classe ainda igualaria a luta. Foi um dos grandes azares da partida.

1. 4 -- A BOLA NA TRAVE DE DI-

DI — Perto do fim do jôgo o meia nacional atirara fortemente no ângulo superior direito da trave. Esta bola era o coroamento não de um ataque mas de vários ataques, embora descoordenados como todos os ataques brasileiros. Aquela altura o desfecho seria outro, caso entrasse a bola. Senti que aí é que o Brasil perdeu a partida.

FATORES SECUNDÁRIOS

2. 1 — O TEMPO — A tarde estava fria depois de fazer um calor quase brasileiro pela manhã. A chuva também foi adversa ao nosso jôgo mais individual e

cheio de arabesco, muitas vezes desnecessário, mas que é contudo o nosso jogo. O gramado terrivelmente encharcado prejudicava a velocidade que poderíamos imprimir à partida.

2. 2 — A CONSTITUIÇÃO — Não parecia o maior poderio do futebol brasileiro. Enfraquecido no centro e meia-esquerda do ataque onde qualquer dos quatro ocupantes (Baltazar, Índio, Pinga e Humberto) não fizeram jus a uma representação do Brasil e nem mantiveram as tradições dos artilheiros dos campeonatos a que fomos em 38 e 50. Não tínhamos na Suíça o que se chama comumente de ponta de lança. Eram lentos, demorados e lerdos, no passar e pensar e ainda precipitados no arremessar à meta.

FATOR ESPECIAL

3. 1 — O JUIZ — Foi conivente com o jogo de ganhar tempo da Hungria. Poderia ter sido mais enérgico. Não teve ânimo para marcar uma penalidade máxima em Julinho. Esta a assistência reclamou. Mas, é preciso que se diga, daquelas que estamos acostumados aos juizes brasileiros deixarem passar. Os brasileiros, irritadiços e extrospectivos deram visíveis demonstrações de insatisfações comuns a um quadro brasileiro que perde ou está perdendo. A falta de energia para marcar uma ou outra falta que passam comumente num jogo importante, fizeram com que os brasileiros se prejudicassem e não gostassem da atuação do juiz, que não chegou a truncar o desfecho da partida.

VIRTUDES HUNGÁRAS

Afora o disciplinado aquecimento individual que a nossa educação física já ministra e adota, citarei os que pude observar:

4. 1 — PASSES IMEDIATOS AO RECEBER UMA BOLA QUANDO TEM UM ADVERSÁRIO QUE LHE DISPUTA A MESMA — Seja de cabeça ou por baixo um lance em que o jogador brasileiro disputaria o domínio da pelota a um húngaro, este não procurava dominá-la, ou enganar o adversário, mas preparar para o companheiro que estava sempre atento e em condições de receber a bola. Assim, não se preparando para dominar a bola, mas para dar um toque de amortecimento, lhe era mais fácil alcançar a bola que um outro jogador que procurava dominá-la.

4. 2 — DESMARCAÇÃO POR ANTECIPAÇÃO — Procuravam os avanços húngaros se desmarcar por antecipação da jogada. Assim o meia ia passar para a frente, ao ponta, digamos, este último ficava atrasado, na altura da linha média adversária, e seu marcador próximo, é claro. O meia dava o passe adiantado para o ponta que, previamente, sabia que ia receber a bola e seu marcador atordado ficava indeciso se avançava ou não com o jogador.

4. 3 — JOGO DE EQUIPE — Apresentaram um conjunto harmonioso cujo ritmo era conduzido pelo médio-direito (na ausência de Puskas) com jogadas parecendo previamente combinadas pela



Um lance da pejeja

precisão e freqüência das mesmas. Os dois "goals" de cabeça de Kocis foram bem parecidos, com centros do pontadireita de trás, para frente (o comum é da frente para trás como no tiro de canto) recebidos magistralmente pelo atleico avante húngaro. Enquanto isto nosso conjunto passava mau e após ter dominado demasiado a bola, alguns até pareciam que queriam agradecimento pelos passes que fizeram. Os húngaros praticavam o verdadeiro futebol "association".

DEFEITOS DA HUNGRIA

5. 1 — PRENDER A BOLA AO SE DESLOCAR. Quando em deslocamento com a bola não têm domínio absoluto da mesma, prendem demasiado. Os brasileiros têm mais desenvoltura. Aparentam os húngaros em fase de experimentação quando fazem deslocamento com a bola, sobretudo os laterais. Mas, tão logo sejam hostilizados soltam a mesma.

5. 2 — UMA EQUIPE SUPERTREINADA. Não têm a espontaneidade que estamos acostumados a ver cujas jogadas, mais eficientes e belas, são as improvisadas numa situação diferente que se apresenta. É um conjunto cujos substitutos têm que ser escolhidos como peças sobressalentes de uma máquina. Em alguns momentos mostram sinais de monotonia no conjunto.

CONCLUSÃO

Tem a Hungria uma grande experiência internacional. Souberam aproveitar o pânico inicial que costumam causar, jogaram duro, mas de uma respi-

dez calculada e fria, desapercibida ao juiz e à assistência. Por isto vimos Nilton Santos caído, logo no início, com o gesto indicando que recebeu um murro. Assim vimos o zagueiro central húngaro irritar o jovem Humberto logo no começo da partida. O mesmo jogador que cobrou a penalidade máxima, calmo e descontraído. Fizeram um jogo de ganhar tempo, à altura dos 3 x 1, semelhante ao de bola ao cesto, sem "dribles" e somente de passes.

Por outro lado tivemos logo no começo do jogo um avante húngaro agarrado e seu calção totalmente rasgado com a perna direita desprendida. Por sinal o jogador que fez o primeiro gol.

Tivemos o mérito de equilibrar uma partida dura e ingrata, adversa no tempo e no ambiente. Somente um quadro de alta classe com tamanha combatividade poderia fazê-lo. Poderia também assinalar um gol em penalidade máxima, quando eram precários os nervos de todo o conjunto. Somente de um quadro de onze ases poderia surgir um para cobrar um pênalti, mesmo quando não quiseram os que deveriam fazê-lo, consignar um tento que se não se positivasse provavelmente sofreríamos maiores dissabores.

À altura dos 3 x 1, após o terceiro gol húngaro, quando o desânimo tomava conta de todos, um uruguaio dos muito ali presentes, colocado na arquibancada da direita do campo, dá um grito: AR-RIBA BRASIL! Era o grito da solidariedade sul-americana que constituiu o toque de alvorada à assistência brasileira. O quadro do Brasil mostrou-se rico de valores individuais, pobre de conjunto, mas respeitável como adversário.